



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTE
DEPARTAMENTO JORNALISMO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

GLEYCE KELLY DA SILVA MARQUES

RELATÓRIO

**ARTISTAS DO HIP HOP PARAIBANO: IMPACTOS DA PANDEMIA E O PROCESSO
DE DIGITALIZAÇÃO**

JOÃO PESSOA

2022

GLEYCE KELLY DA SILVA MARQUES

**ARTISTAS DO HIP HOP PARAIBANO: IMPACTOS DA PANDEMIA E O
PROCESSO DE DIGITALIZAÇÃO**

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Jornalismo, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial necessário à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Raquew Azevedo.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M357a Marques, Gleyce Kelly da Silva.

Artistas do hip hop paraibano: impactos da pandemia
e o processo de digitalização / Gleyce Kelly da Silva
Marques. - João Pessoa, 2022.
45 f. : il.

Orientação: Sandra Raquew Azevedo.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo - TCC. 2. Jornalismo Comunitário. 3.
Documentário audiovisual. 4. Ativismo Digital. 5. Hip
Hop - Paraíba. I. Azevedo, Sandra Raquew. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 070(043.2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

ATA DE APROVAÇÃO

Este trabalho foi submetido à avaliação da Banca Examinadora composta pelos professores abaixo relacionados, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

Aluno(a): Gleyce Kelly da Silva Marques,

Título do trabalho: ARTISTAS DO HIP HOP PARAIBANO: IMPACTOS DA PANDEMIA E O PROCESSO DE DIGITALIZAÇÃO

Aprovado em 20 de junho de 2022, com média 10,0 (dez)

BANCA EXAMINADORA

Professor(a) orientador(a): Sandra Raquew dos Santos Azevêdo

Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Jornalismo

Assinatura: Sandra Raquew dos Santos Azevêdo

Professor(a) examinador(a): Margarete Almeida Nepomuceno

Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Jornalismo

Assinatura: Margarete Almeida Nepomuceno

Professor(a) examinador(a): Ana Isaura Diniz

Setor: Jornalista e Diretora de Cinema/ Carambola Filmes

Assinatura: Ana Isaura Diniz

AGRADECIMENTOS

A jornada até a produção deste TCC foi desafiadora. Eu, como mulher preta, de origem humilde e com poucas expectativas fui a primeira pessoa da minha família a pisar como estudante numa universidade e agora as prévias de estar com diploma da mão, meu coração é só gratidão a todos que de alguma forma me auxiliaram nesse processo. Agradeço primeiramente aos meus pais Flávia e Jailton, e minha irmã Karol que me estimularam desde sempre a estudar e a conquistar minha independência, acompanharam de perto minhas batalhas, perdas e sucessos.

Agradeço a todos os meus familiares, em especial minha avó Fátima que me presenteou com meus primeiros livros e aos meus avô José, “avódrasta” Maria e minha tia Tamires que dividiram felizes o pouco que tinham comigo.

Me sinto abençoada por ter ao meu lado um esposo, fã número um e apoiador do meu sucesso, Eric, que foi muito paciente, atencioso e essencial para manter o foco durante a produção do trabalho.

Essa graduação não seria possível sem o apoio das minhas amigas e parceiras de curso, Rebeca, Madú, e Jéssica, sou muito grata em dividir meu crescimento ao lado de mulheres tão incríveis. Meu agradecimento especial a Rúben Salomão, que conheci no curso de jornalismo e me auxiliou na produção do filme.

Todos que tiveram a gentileza de me ensinar o que é ser uma boa jornalista e a humildade de ouvir, obrigada pela troca de aprendizado: Suely Porfírio, Lis Lemos, Joyce Hauschild, Patrícia Monteiro, Gloria Rabay, Suelly Maux, Carlos Azevedo e em especial Sandra Raquew Azevedo, que confiou e aceitou o desafio de ser minha orientadora de TCC.

O filme carrega um peso enorme que conta a realidade de diversas artistas, inclusive a minha. Então, agradeço a confiança Bixarte, Pri Witch, Pekená, Lane que me permitiu contar suas realidades, vivências e saberes.

RESUMO

O presente relatório de Trabalho de Conclusão de Curso foi elaborado a partir da construção de um documentário audiovisual intitulado “ContaMina: Elas On no Hip Hop”. O filme retrata nas perspectivas de artistas paraibanas, o processo de digitalização da cultura do Hip Hop, intensificado pelo isolamento social causado pela pandemia da Covid-19. Apresenta também, as diferentes realidades socioculturais, levando em consideração mulheres cisgêneras, mulheres trans ou travestis, mulheres negras, e pessoas LGBTQIA+, de quem produz e trabalha dentro dessa cultura. O produto tem como base teórica o jornalismo comunitário, no qual é valorizado a voz de comunidades marginalizadas, o documentário audiovisual, formato de produto escolhido para potencializar essas vozes e o ativismo digital para elucidar o movimento do Hip Hop que agora mais do que nunca está se desenhando como um ativismo também no digital. Neste relatório são detalhados os processos de construção do filme, da pauta e roteiro ao produto final.

Palavras-chave: documentário audiovisual; jornalismo comunitário; ativismo digital.; Hip Hop na Paraíba; Hip Hop digital.

ABSTRACT

This course conclusion work report was prepared from the construction of an audiovisual documentary entitled “ContaMina: Elas On no Hip Hop”. The film portrays, from the perspectives of artists from Paraíba, the process of digitizing the culture of Hip Hop, intensified by the social isolation caused by the Covid-19 pandemic. It also presents the different sociocultural realities, taking into account cisgender women, trans women or transvestites, black women, and LGBTQIA+ people, from those who produce and work within this culture. The product is theoretically based on community journalism, in which the voice of marginalized communities is valued, the audiovisual documentary, a product format chosen to enhance these voices and digital activism to elucidate the Hip Hop movement that is now more than ever designing itself as an activism also in digital. This report details the film's construction processes, from the script and script to the final product.

Keywords: audiovisual documentary; community journalism. digital Activism. Hip Hop in Paraíba. digital Hip Hop.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. A SUB REPRESENTAÇÃO DE PROBLEMAS SOCIAIS ESTRUTURAIS NO NOTICIÁRIO.....	8
2.1 O poder do jornalismo comunitário.....	8
3. HIP HOP NA PARAÍBA E A INVISIBILIDADE DAS MINORIAS SOCIAIS.....	9
4. RELATÓRIO.....	10
4.1 A Pré-produção.....	10
4.2 A produção	12
4.3 Pós produção.....	13
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
REFERÊNCIAS.....	16
APÊNDICE A – PERFIL DAS ENTREVISTADAS	17
APÊNDICE B – ROTEIRO DE MONTAGEM.....	19
APÊNDICE C – SLIDE DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	28

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca documentar audiovisualmente através do olhar do jornalismo comunitário o processo de digitalização da cultura do Hip Hop, que foi intensificado pela desapropriação dos espaços urbanos em decorrência dos isolamentos sociais causados pela pandemia. Os agentes comunitários e artísticos do Hip Hop se apropriam do ambiente público para disseminar sua arte, comunicação e encontram na rua a sua rede de apoio comunitária.

Com advento da pandemia da Covid-19, iniciada em fevereiro de 2020, no Brasil, medidas de prevenção para frear a disseminação do vírus foram tomadas, algumas delas impossibilitam o uso do espaço urbano, com medidas de isolamento muito restritas. Dessa forma, diversos artistas de rua sofreram os impactos do impedimento de trabalhar. Somado a isso, problemas estruturais já existentes que atingem pessoas não brancas pertencentes à comunidade LGBTQIA+, e desfavorecidos economicamente, foram ainda mais acentuados pela crise.

Nesse contexto, as artistas do Hip Hop têm a necessidade de se comunicarem artisticamente no espaço urbano para gerar renda; alguns trabalhadores encontraram na internet a chance de se reinventar e continuar trabalhando através de *lives*, lançamentos colaborativos, “vaquinhas”, vendas online e muitas outras formas de adaptação e digitalização da arte ao meio digital.

Apesar dessa urgência em ter que ser inserido no cenário online de trabalho, alguns artistas não puderam ou não conseguiram se adaptar à situação. De acordo com a Pesquisa de Percepção dos Impactos da Covid-19 nos Setores Cultural e Criativo do Brasil (junho a setembro de 2020), apenas 60% dos entrevistados conseguiram oferecer o seu serviço ou produto digitalmente, já outros 14,38% não podem. Quanto ao acesso à internet apenas 3,2% dos artistas afirmam que o serviço é acessível, os demais entrevistados categorizam como um custo alto ou médio. Agregado a isso, também são apontados como fatores complicadores a contratação de terceiros para delivery, publicidade, produção de conteúdo, serviço de *stream* e aparelhos eletrônicos de qualidade.

Na Paraíba, algumas políticas públicas foram incluídas para tentar amenizar esses impactos negativos no desenvolvimento artístico do estado. Através da Lei Aldir Blanc, do

Governo Federal, artistas impossibilitados de trabalhar por causa da pandemia puderam ter acesso a auxílios emergenciais de até R \$600,00, alguns destes se caracterizavam como artistas da comunidade do Hip Hop. No entanto, os impedidos de receber o auxílio não puderam contar com mais nenhum incentivo de auxílio governamental.

Numa perspectiva de olhar do jornalismo comunitário, o filme busca potencializar as vozes de artistas do Hip Hop que foram apagadas midiaticamente diante da crise pandêmica. Assim como Raquel de Paiva afirma (2018), a pluralidade de vozes contribui de maneira decisiva, para democratizar diálogos, reduzir visões preconcebidas e preconceituosas sobre grupos à margem da visibilidade da mídia. E esse tipo de comunicação é o pilar da forma de linguagem de uma comunicação comunitária.

Dessa forma, o filme expõe a vida e trabalhos de artistas do Hip Hop paraibano, levando em consideração as problemáticas estruturais pré-existentes que atingem as minorias e que foram agravadas por causa da crise pandêmica. Além disso, esclarece como as artistas tiveram que investir e se adaptar à realidade virtual, uma vez que a comunicação do Hip Hop é mais ativa urbanamente.

2. A SUB REPRESENTAÇÃO DE PROBLEMAS SOCIAIS ESTRUTURAIS NO NOTICIÁRIO

O Jornalismo pauta o que vai ser discutido na sociedade levando em consideração critérios de noticiabilidade que priorizam os acontecimentos factuais, pessoas influentes, o número de envolvidos, o impacto na sociedade e o resultado nos processos de longa duração (WOLF, 1999). Dessa forma, problemas estruturais da sociedade não teriam visibilidade nos noticiários, mesmo que as minorias constituem a maior parte da população brasileira, conseqüentemente o público que é destinado as notícias.

Os valores/notícias utilizam-se de duas maneiras. São critérios de seleção dos elementos dignos de serem incluídos no produto final, desde o material disponível até à redação. Em segundo lugar, funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na preparação das notícias a apresentar ao público. (WOLF, 1999, p.195)

Levando isso em consideração, a cultura do Hip Hop que tem raízes periféricas e marginalizada socialmente pouco surge como pauta nas configurações de grandes redações. Com a pandemia da Covid-19 problemas de perpetuação dessa cultura foram realçados, o que seria uma factualidade, mesmo assim, esses profissionais não ganharam destaque em veículos paraibanos. Numa rápida pesquisa em notícias no Google no dia nove de novembro de 2021, os artistas do Hip Hop surgem dentro de pautas mais generalistas como “artistas independentes”, mas não leva em consideração as especificidades das pessoas que constituem a comunidade do Hip Hop.

São em cenários como esses que o jornalismo comunitário tenta intervir, um espaço para os cidadãos discutirem assuntos que são do seu interesse, e problemas estruturais sociais que nos grandes veículos de comunicação não são discutidos.

2.1 O poder do jornalismo comunitário

Para comunidades com pouca visibilidade como a do Hip Hop, a comunicação assertiva pode agir como potencializador de vozes. O jornalismo comunitário segundo Felipe Pena é uma das formas mais concretas de democratizar o acesso à informação, pois o compromisso não é apenas com o factual, mas também social. (PENA, Felipe 2005, p 185):

Ainda de acordo com a Pesquisa de Percepção dos Impactos da Covid-19 nos Setores Cultural e Criativo do Brasil, os próprios artistas sinalizam como principal necessidade para a saída da crise o acesso à informação direcionada ao setor cultural e criativo (18,69%), já outros (17,53%) responderam que a participação em redes pode ser a principal engrenagem de mudança, mas como já mencionado, grande parte dos artistas sentem dificuldade de migrar para o trabalho digital, seja

por falta de aptidão com as ferramentas ou por falta de dinheiro para investir.

Agravado a isso, o racismo, LGBTfobia e capacitismo são problemas sociais estruturais latentes no Brasil e se manifestam em diversas comunidades, na do Hip Hop não é diferente. Mas o silenciamento diante dessa realidade torna o indivíduo responsável pela manutenção dessa problemática (ALMEIDA, 2019). De acordo com (PENA, Felipe 2005, p 185) o jornalista comunitário deve enxergar com os olhos da comunidade e substituir modelos padronizados e estereotipados de apreensão da realidade por estratégia simbólico-discursivas que ressaltam a visão da comunidade sobre si mesma, reforçando identidade e valores.

Nesse contexto, o filme se faz urgente para entender a partir do olhar do jornalismo comunitário como artistas da cultura do Hip Hop estão se reinventando para continuar comunicando sua arte num período de crise pandêmica.

3. HIP HOP NA PARAÍBA E A INVISIBILIDADE DAS MINORIAS SOCIAIS

Graffiti, rap, break e dj, segmentos que juntos formam os pilares da cultura do Hip Hop, tem origem em 1970, nos bairros periféricos de Nova York e tinham como base a valorização da cultura periférica, o poder de vozes invisibilizadas e a denúncia de desigualdade social. Na Paraíba o movimento surge em 1980, incitados pelo break que já estava ganhando projeção nacional no Brasil. Jovens de várias comunidades da Paraíba começam a formar grupos de *break-dance*, tendo como pioneiro e representante de João Pessoa o grupo *Elétricos Break*, formado por Valmir Vant, Dinarte da Nóbrega e Fabio Palmeira.

O primeiro rap surgiu em 1989, com a música *Melo da Setusa*, que fazia referência ao transporte público usado na época, o produto foi produzido por Dinarte e Paulinho. Nesse período, já se formava uma comunidade, principalmente quando surgiu o grupo *Hip Hop Dance*, que juntou pela primeira vez no estado, dois pilares do Hip Hop, a dança e o rap. Com a criação do grupo *Tribo Ethnos* (1990), criado por Valmir Vant, a cultura do Hip Hop se desenvolve com estímulos de aulas de dança, música, desenho e literatura.

A ocupação dos espaços por toda cidade era grande, iniciaram-se apresentações em praças, centros comunitários, com destaque para o bairro de Mangabeira, mas o local que firmou como ponto de encontro do Hip Hop paraibano foi o Centro de Convenções do Espaço Cultural, onde se desenvolveram estudos, aulas de dança e houve também estímulo à composição de rap e discotecagem; porém, após dois anos, pesou o preconceito em relação a cultura de rua, de periferia, sob a alegação de estava atraindo todo tipo de gente e promovendo desordem. A direção do local proibiu os encontros. (ALVES, 2008, p.79)

É evidente nesta linha cronológica inicial, nos primeiros passos do Hip Hop na Paraíba que o protagonismo é masculino, mas esse cenário muda um pouco a partir dos anos 2000 com produções e elaborações de festivais com frentes de mulheres como Kalyne Lima, mas ainda assim subrepresentadas, uma vez que o número de mulheres ou posição de destaque presente na cultura do Hip Hop ainda é inferior quando comparadas com homens, e quando se fala de pessoas LGBTQIA+, deficientes, o número ainda é menor.

Ao retratar no filme os impactos da pandemia da Covid-19 na cultura do HipHop se faz necessário fazer um recorte social dentro dessa comunidade, uma vez que, as vivências são diferentes, ou seja, dentro da própria cultura do Hip Hop existem reflexos das desigualdades sociais que atingem principalmente mulheres cis, mulheres trans ou travestis, pessoas LGBTQIA+, pessoas negras e deficientes.

Por isso, o recorte social se faz necessário para entender melhor a dimensão da problemática abordada no filme, uma vez que, mesmo que a comunidade do Hip Hop reivindique acesso a espaços e direitos, não são isentos de desigualdades sociais.

4. RELATÓRIO

Pautar a cultura do Hip Hop esteve presente ao longo de toda minha graduação, por me identificar com a cultura e vivenciar esse movimento, para o meu TCC não seria diferente. Quis valorizar algumas das muitas personalidades que me inspiraram e inspiram tantos outros dentro do Hip Hop. Neste capítulo, descrevo os detalhes do processo de produção do Filme, desde como surgiu a proposta até o produto final.

4.1 A Pré-produção

A escolha do objeto de estudo se deu ao observar e acompanhar de perto o quanto as artistas do Hip Hop estavam se reinventando no cenário da pandemia da Covid-19. Algumas sofreram impactos financeiros, e ainda assim tentavam movimentar a cultura e isso não estava sendo evidenciado, nem valorizado midiaticamente. Alinhado a isso, observei a negativa de alguns membros do Hip Hop em aceitarem que o Hip Hop pode sim, ser digital e continuar sendo um movimento, ou seja, um movimento ativista digital.

A proposta inicial é que fossem entrevistadas oito personalidades do HipHop, levando em

consideração a relevância da artista dentro da comunidade do HipHop da Paraíba e os recortes sociais: mulheres cisgênero, mulheres trans ou travesti, negras, LGBTQIA+, deficientes. Seriam duas entrevistadas para cada pilar do Hip Hop, ou seja, dj, break, graffiti e rap.

Após o estudo dessas artistas paraibanas, para dar maior profundidade a cada personagem decidi que o ideal seria reduzir a participação para quatro mulheres, uma de cada segmento, até porque julguei ser inviável transmitir as dimensões sociais de oito artistas no curto período de tempo que tinha para produção e ainda, dentro do próprio formato do filme, que é um curta metragem. Ao definir isso, apresentei e convidei as artistas Bixarte (rap), Pekena (break), Pri Witch (graffiti) e Lane Frontt (dj). Infelizmente foi constatado a inexistência de mulheres com deficiência atuando ativamente dentro da cultura do Hip Hop no estado.

Bixarte é uma cantora em ascensão nacional. Tem raízes na Paraíba, onde iniciou sua carreira em SLAM (evento de batalhas de poesia), na qual ganhou destaques e prêmios. Além disso, a artista é uma ativista digital, divulga em suas redes poesias reivindicatórias sociais, e conta com milhões de visualizações. Bixarte é uma travesti preta, que canta, declama e reivindica a vida de pretos, pobres e pessoas LGBTQIA+, mas também fala sobre amor e prosperidade.

A Bgirl Pekena é atleta da Seleção Nacional de Break do Brasil, professora de artes de rede pública, mestranda em artes cênicas pela UFPB e fundadora e diretora do primeiro grupo de b.girls da Paraíba o *Soul Brazil*. É uma das grandes referências do Breaking nacional, mais especificamente da região Nordeste. Participou de competições de Breaking, ganhando em 1º lugar em alguns campeonatos, atualmente é campeã nacional da Battle Skill 2021. Pekena é uma mulher cisgênera branca, lesbica, que luta para que mulheres possam dançar livremente.

Pri Witch é grafiteira há mais de 15 anos, produtora cultural, tatuadora, empreendedora e licenciada em Letras pela UVA. A artista é uma grande referência no graffiti, tendo suas obras destacadas em livros didáticos de escolas públicas. Pri é precursora de grandes eventos do Hip Hop, como o *Festival de Ponta a Ponta*, que reuniu diversos artistas da Paraíba para realizar intervenções em praças públicas. Witch é uma mulher cisgênera preta e bissexual, em suas artes feministas espalhadas por João Pessoa, a artista ocupa espaços e dar cor e vida as ruas.

A dj Lane Frontt é idealizadora do primeiro encontro de mulheres da cultura do Hip Hop paraibano, o *Black Woman*, é vice-presidente da Iguais Associação LGBTQIA+ da Paraíba, é parceira do coletivo Anaydes. Dj Lane hoje usa suas raízes e referências feministas em suas músicas, figurinos e desenvoltura de palco. A mesma milita sobre empoderamento feminino e liberdade de expressão do corpo feminino. Lane é uma mulher preta, panssexual, mãe de Dom, uma criança

autista de 5 anos e é casada com Cauã Castro, um homem trans que faz parte do seu corpo coreográfico.

Após a confirmação de participação das entrevistadas, foi elaborado um perfil base (APÊNDICE A) e marcada as entrevistas presencialmente. No período de captação das imagens, a pandemia já estava numa situação controlada, com uma maior cobertura vacinal em João Pessoa e a redução dos casos da Covid-19, já estava sendo flexibilizado o uso de máscara, mas para redobrar os cuidados na captação presencial, preferi optar pelo uso de máscara, mantendo distanciamento seguro das entrevistadas.

4.2 A produção

Para marcar o data de entrevista com cada entrevistada enfrentei alguns problemas. Dj Lane e Bixarte por se apresentarem nos fins de semana, foi bem complicado de conseguir uma data e horário viável para captação. No caso da captação com Bixarte, por eu ser sua assessora, consegui me deslocar até Natal-RN onde faria show, então acompanhei ela em sua rotina. Já com a Lane consegui um horário um pouco antes do seu ensaio com os dançarinos, conseguimos fazer a entrevista em sua casa. Pekena iria passar apenas uma semana aqui em João Pessoa, pois estava em treinamento pela seleção olímpica, foi o suficiente, conseguimos marcar e bater um papo na Estação Ciências, local que comumente treina.

Pri Witch é uma amiga próxima, então a agenda foi conciliada com mais facilidade, resolvemos que o ideal seria um ambiente que ela conseguisse pintar e pudéssemos conversar, sem interferência, até porque não poderíamos contar com a sorte de sermos assaltadas na rua ou pior. Então, ficou decidido que seria na área externa da casa de um amigo.

A intenção de fazer esse filme também foi um desafio próprio, conseguir fazê-lo apenas com o dispositivo móvel, captação e edição, e dessa forma foi feito. A captação se deu pelo uso principal de um celular (iphone 8 plus) com saída de áudio com o microfone externo (BOYA-BY-MM1) conectado ao celular, uma gopro (utilizada apenas na entrevista com Pekena), um tripé para auxiliar nas entrevistas e um high light (utilizado apenas na entrevista da Lane e Bixarte). Além disso, solicitei às entrevistadas imagens de seus arquivos pessoais que pudessem compor o documentário.

Na captação de Bixarte, acompanhei seu dia antes de se apresentar num show em Natal. Passagem de som, maquiagem, figurino, bastidores de camarim, foram algumas das oportunidades visuais que tive para trabalhar, além da própria entrevista, feita na suíte do hotel em que estava hospedada. A ambientação estava muito boa para captação, sem barulhos externos, para imagem

direcionei um abajur da suíte e o high light e consegui captar imagens com qualidade. O único problema é que eu estava passando por uma crise de garganta, o que comprometeu minha voz, rouca e quase sem ela, tive que mudar de imediato a perspectiva de ser uma agente mais participativa no documentário, ou seja, aparecer e fazer maiores intervenções como eu havia proposto no projeto.

Para a captação de Pekena e Pri Witch as situações foram parecidas, eu tive apoio de Rúben Salomão na captação, ele queria aprender mais sobre audiovisual e se disponibilizou a me acompanhar em alguns momentos, e é claro aceitei. Nos dois ambientes havia muito ruídos. No cenário de Witch os carros, buzinas e ônibus interferiram um pouco na nossa captação. Além disso, o sol sobrecarregou a bateria do celular que precisou ser urgentemente desligado para resfriar. Já no cenário da Pekena, os ruídos de ar-condicionado e vento me deixaram muito preocupada, mas fizemos alguns testes e notamos que não interferia no entendimento da fala da artista, decidimos seguir, até porque não teria outro momento propício para gravar.

Na captação de Lane o maior problema foi a iluminação, fizemos a entrevista a noite e sua casa é bastante escura, apesar de ter usado o high light para clarear, acredito que a imagem ficou um pouco prejudicada, problema que posteriormente tentei resolver na edição.

No geral, os materiais brutos gravados deram em média 3 horas. Que posteriormente iriam ser analisados, cortados, decupados, e montados, para se transformar no curta metragem de 15 minutos. A ideia é que tivesse mais duas captações, em áreas urbanas e em batalhas de rap, mas assim que finalizei as entrevistas sofri um acidente (desloquei o joelho) e fiquei impossibilitada de me locomover por um tempo. Então tive que trabalhar com os materiais que já havia captado.

4.3 Pós produção

Com o material já captado, assisti e analisei todos os vídeos na tentativa de identificar fios condutores que pudessem passar por todas as narrativas. A partir disso, escrevi o roteiro de montagem, que ao longo das edições foi sendo modificado a fim de tornar o produto mais assertivo (APÊNDICE B).

Ao iniciar as edições no celular, percebi que iria enfrentar muitos problemas. Eu tinha experiência em vídeos de até 5 minutos editados em celular, mas nunca havia tentado editar uma material bruto de uma hora por exemplo. O aplicativo escolhido foi o “Cap Cut”, um app gratuito, mas que apresenta muitas instabilidades: dissincronia de áudio e vídeo, lentidão, dificuldade em exportar, bugs e outros.

Diante disso, decidi editar por partes, ou seja, fragmentei o filme em 5 partes e editei os

projetos isoladamente, posteriormente juntei as partes e fiz os ajustes para a finalização. Os problemas diminuíram e consegui editar com mais praticidade e rapidez. Diferente dos programas de edição, aplicativos são desenvolvidos para edições em pequenos formatos, então ele não me permitiu um tratamento mais elaborado, por exemplo redução de ruído. Então tive que recorrer a aplicativos complementares como: InShot, Beatleap e Videoleap, para ir sanando algumas faltas que havia no aplicativo principal escolhido.

Na fase da edição, esteticamente recorri a organicidade, para deixar em primeiro plano as artistas e não as interferências de edições. As músicas e sonoridades são das próprias entrevistadas e as trilhas são disponibilizadas livre de direitos autorais pelos aplicativos. Priorizei a voz, a autenticidade e sentimentos de cada uma ao tratar do tema. Utilizei algumas sobreposições que dinamizaram o filme e optei por usar cenas de respiro, para suavizar as mudanças de assunto ou temáticas. Não quis evidenciar apenas a dor sofrida, destaquei principalmente a luta coletiva que todas as artistas passaram e que sobreviveram a negligência por não estarem só, ter uma rede de apoio.

Desde a ideia do projeto, a intenção é que a informação fosse transmitida de forma acessível, simples, direta. Por isso, é uma prioridade a inserção de legenda e tradução em Libras. Para tal, contatei o Comitê de Acessibilidade da UFPB para fazer a tradução do filme para libras e será feita mediante a aprovação do conteúdo final do filme.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da Covid-19 nos desafiou a viver de forma isolada para que pudéssemos sobreviver. Artistas do Hip Hop que utilizam o espaço urbano como seu meio de sustento e de mobilização social tiveram que migrar totalmente para o digital, o que permitiu se conectar com outros agentes de ativismo e criar uma rede de apoio durante o período de calamidade.

Como resultado do recorte social escolhido, artista dentro da comunidade do Hip Hop da Paraíba, mulheres cisgênero, mulheres trans ou travesti, negras, LGBTQIA+, todas as entrevistadas relataram a importância do coletivo, do quilombamento para conseguir sobreviver, criar e ainda ajudar outras pessoas em situações ainda mais vulneráveis.

As artistas evidenciaram os problemas de negligência dos poderes públicos em intervir na situação de crise de forma efetiva, apontaram fatores psicológicos que afetaram diretamente na produção dos seus trabalhos, o acúmulo de serviços, jornada dupla de trabalho, machismo, transfobia, sexismo e outras violências estruturais, que fazem parte da rotina dessas e de tantas outras artistas e raramente se tornam pautas para os grandes veículos de comunicação.

De uma maneira geral, espero que “ContaMina: Elas On no Hip Hop” contribua para futuros trabalhos relacionados às temáticas de ativismo digital, hip hop, feminismo e sexualidade, e que se externe ao mundo acadêmico e se torne pauta na rotina dos veículos de comunicação. E eu como jornalista com o olhar comunitário sou uma dessas agentes, e trago nesse produto de TCCum recorte da realidade a fim de inspirar mulheres a se reinventarem e sensibilizar outras pessoas ao olhar para a comunidade do Hip Hop. Esse filme também é um manifesto ativista, que pretendar continuidade em próximos estudos e desenvolvimentos de projetos. Estudar o processo de digitalização da comunidade do Hip Hop é também falar sobre ativismo digital, pois como bem colocado nos depoimentos das artistas, o movimento precisa ocupar espaços para que ele seja notado, credibilizado e permaneça vivo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALVES, Valmir Alcântara. **De repente o rap na educação do negro: o Rap do Movimento Hip-Hop Nordeste como Prática Educativa da Juventude Negra.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4870?locale=pt_BR. Acesso em: 04 nov. 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição Federativa da República do Brasil.** Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>. Acesso em: 4 nov. 2021.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude. **Diário Oficial da União.** Brasília, DF, seção 1, p. 3, 6 ago. 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>. Acesso em: 4 nov. 2021.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213- 225, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2216/1859>. Acesso em: 4 nov. 2021.

PARAÍBA (Estado). **João Azevedo anuncia segunda fase da Lei Aldir Blanc que contemplará dois mil artistas da Paraíba.** [S.L.], 23 ago. 2021. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/noticias/joao-azevedo-anuncia-segunda-fase-da-lei-aldir-blanc-que-contemplara-dois-mil-artistas-da-paraiba>. Acesso em: 4 nov. 2021.

IBGE. **Pesquisa Por Amostra em Domicílio: Acesso à internet e televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal**, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101705>. Acesso em: 4 nov. 2021.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 4 nov. 2021.

PAIVA, Raquel. Et al. **O retorno da comunidade: os novos caminhos.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2018.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**, 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SALVADOR, Ângelo Domingos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Bibliográficas: elaboração e relatório de estudos científicos.** 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 1973.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Pesquisa de Percepção dos Impactos da Covid-19 nos Setores Cultural e Criativo do Brasil**, 2020. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/>. Acesso em: 4 nov. 2021.

WOLF, Mauro. Da Sociologia dos emissores ao newsmaking. In: **Teorias da Comunicação.** Portugal (Lisboa): Editorial Presença. 1999.

APÊNDICE A – PERFIL DAS ENTREVISTADAS

NOME TAG	PERFIL	CONTATO
Pri Witch	Gênero: mulher cisgênera, ela/dela. Raça: preta Idade: 31 Sexualidade: bissexual PCD: Não Formação: licenciatura em letras pela UVA. Biografia profissional: tatuadora, grafiteira, artista visual, produtora cultural, empreendedora.	@priwitch 83 996485815
Pekena	Gênero: mulher cisgênera, ela/dela. Raça: branca Idade: 30 Sexualidade: Lésbica Formação: licenciatura em dança, mestranda em artes cênicas PROFARTES - UDESC/UFPB Biografia profissional: professora efetiva de arte do município de Conde-PB. É diretora e dançarina do primeiro grupo de b.girls da Paraíba, o grupo Soul Brazil. Atleta da Seleção Brasileira de Breaking. PCD: Não	@pekenabgirl 83 998310848
Bixarte	Gênero: travesti, ela/dela. Raça: preta Idade: 21 Sexualidade: Formação: estudante ciências sociais Biografia profissional: Cantora, rapper, poetisa, atriz e modelo. PCD: não	@bixarte 11 982146348
Lanne Front	Gênero: mulher cisgênera, ela/dela. Raça: negra Idade: 32 Sexualidade: pansexual Formação: fotografia, discotecagem e produção de eventos. Biografia profissional: vice-presidente da Iguais , Associação LGBTQIA+ da PB e parceira no coletivo Anaydes. PCD:não	@djlanefrontt 83 8853-0992

Tópicos

- Produção artística antes e durante a pandemia da Covid-19.
- Relacionamento com o digital.
- Gênero e sexualidade na cultura do Hip Hop.
- Esvaziamento da cultura do Hip Hop ao migrar para o digital.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE MONTAGEM

CENAS	ÁUDIO	LETTERING
Inicia filme com compilado de imagens que ilustram os pilares do Hip Hop (rap,dj,break,graffiti)	OFF: Inserir partes de depoimentos das artistas que causem impacto; falando sobre a experiência da pandemia.	ContaMina: Elas On no Hip Hop Por Gleyce Marques
Imagens de bastidores da Bixarte: passando som, na van dando feedback do ensaio, mostra nome na porta do camarim e transicionar para entrevista.	ON	
Bixarte de frente para câmera fala sobre a diferença entre presencial e online.	ON	
Entra cena da Bixarte se apresentando em SLAM.	ON	
Retoma a entrevista falando sobre as adaptações na pandemia.	ON	
Entra cena de respiro: bastidor da Bixarte recebendo rosas no camarim, se maquiando antes do show, (transição do palco vazio e depois com o show dela apresentando em Natal-RN)	ON	

Retoma a entrevista falando sobre as possibilidades do uso da internet na pandemia.	ON	
Entra cena de trecho do clipe mencionado: Assiste Meu Sucesso.	OFF: continua a fala sobre o clipe.	
Retoma a entrevista com Bixarte falando sobre a equipe: fala a importância do aquilombamento na produção.	ON	
Bixarte fala sobre o projeto Nova Era: entra efeito de sobreposição no fundo mostrando o clipe. Ao encerrar a fala, o clipe fica em primeiro plano.	ON da fala/ ON da música Black Bitch Travesti	
Retoma a entrevista com a cantora falando sobre a dificuldade de acesso a produção paraibana.	ON	
Entra cena de respiro: bastidores no camarim, foto da equipe e a artista tirando foto com fã.	ON e OFF da música Arolê	
Retoma a entrevista falando sobre a dificuldade de acesso a cultura na Paraíba.	ON	

Entra cena de transição: Pekena caminhando de costas.		
Entra cena de Pekena de frente para câmera complementando o conteúdo de Bixarte. Falando sobre o acessibilidade ao setor cultural na Paraíba	ON	
Entra sobreposição de apresentação da bgirl	OFF continua a fala sobre incentivo a cultura do Hip Hop	
Retoma a entrevista com Pekana falando sobre os incentivos públicos conseguidos na pandemia.	ON	
Ao mencionar o grupo Soul Brazil entra sobreposição de apresentação das artistas.	OFF continua fala sobre o grupo	
Retoma a entrevista de Pekena falando sobre o grupo ser acolhedor e necessário. Ao confessar que o Hip Hop é machista dá um pequeno zoom.	ON	
Entra cena de respiro de pixo em exposição no Hotel Globo.	OFF a fala continua sobre rede de apoio feminista.	

Retoma a entrevista de Pekena falando da importância da rede de apoio feminina para permanecer no Hip Hop.	ON	
Como respiro entra compilado de fotos do grupo de break em sincronia com efeito sonoro.	efeito sonoro para transicionar as fotos rapidamente.	
Pekena retoma a entrevista falando sobre as produções do break na pandemia.	ON	
Entra cenas de respiro: Pekena dançando, cena de descontração da dançarina olhando pra camisa, dança com sobreposições para dar mais dinamismo.	Trilha que transmita movimento.	
Retoma a entrevista com Pekena falando sobre a convocação para participar da Seleção de Break nas Olimpíadas.	ON	
Entra cena da Pekena dançando	Sobe beat de Hip Hop	
Retoma a entrevista no cenário 02 (ela em pé). Pekena fala sobre a perspectiva do Hip Hop atual. Um fade in/out rápido	ON	

Entra cena de Witch desenhando, pintando em casa.	OFF Witch continua a linha de raciocínio de Pekinga falando das atuais mudanças que estão acontecendo por causa do digital.	
Witch de frente para o muro, pintando e falando sobre as mulheres produtoras no Hip Hop.	ON	
Entra cenas de respiro da crew Borboletas de passagem pintando	OFF continua falando sobre as mulheres que produzem no graffiti	
Retoma a entrevista com Witch de frente para o muro, pintando e falando sobre os incentivos públicos para as artistas.	ON	
Entra compilado de cenas de graffiti e artes	OFF com efeito de megafone: A cultura do Hip Hop segue sendo deslegitimada em processos seletivos culturais.	
Retoma a entrevista com Witch falando sobre a deslegitimação de grafiteiras	ON	
Entra cenas de Witch grafitando em outros locais.	OFF fala sobre o sentimento de apreensão na pandemia.	

Retoma a entrevista com Witch: ela sentada e falando sobre o cenário para grafiteiros na pandemia.	ON	
Quando a artista fala sobre as artes digitais entra cena de pessoa acessando o perfil do instagram da artista	OFF Witch fala sobre as adaptações para o digital na pandemia.	
Retoma a entrevista falando sobre as produções online	ON.	
Como respiro entra vídeo da Pri em diferentes ângulos com a arte atrás	efeito sonoro para transicionar as os takes rapidamente.	
Retoma a entrevista com a artista falando das ações sociais na pandemia.	ON	
Na entrevista ao falar das batalhas de graffiti entrar mockup de celular como camada e mostrar o perfil do instagram da batalha.	ON	
Entra cena de Lane no palco, com microfone na mão e take que transmita força	OFF Lane fala sobre seu alter ego “Lanne Frontt”	

Lanne de frente para câmera fala sobre seu primeiro contato com uma dj mulher comandando uma festa. Ao estalar dedo transiciona para próxima cena	ON	
Cenas de Lanne ensaiando em casa com sua controladora	ON : remix de Lanne	
Retoma entrevista com Lanne falando sobre machismo e violências que sofreu.	ON	
Entra cena de Lanne se apresentando.	OFF Lanne fala sobre a sexualização do trabalho dela.	
Retoma a entrevista com Lanne falando sobre as produções na pandemia.	ON	
Entra cenas de Lanne trabalhando em casa	OFF a artista fala sobre as jornadas dupla de trabalho.	
Entra cena de equipe de Lanne indo ensaiar, ensaiando, se reunindo.	OFF Lanne fala sobre a equipe e sobre produzir em coletivo.	

Retoma entrevista com a Lanne falando sobre o quanto a equipe se torna uma família.	ON	
Entra cena de show de Lanne pedindo aplauso para os dançarinos.	ON	
Retoma entrevista com Lanne falando sobre o sentimento que a pandemia deixou na artista.	ON	
Bastidores de Witch	ON- Música Assiste Meu Sucesso	Perfil+ Créditos
Bastidores de Bixarte	ON- Música Assiste Meu Sucesso	Perfil+ Créditos
Bastidores de Pekinga	ON- Música Assiste Meu Sucesso	Perfil+ Créditos
Bastidores de Rúben	ON- Música Assiste Meu Sucesso	Perfil+ Créditos

Bastidores de Gleyce	ON- Música Assiste Meu Sucesso	Perfil+ Créditos
Cena do gatinho olhando o graffiti de Witch	ON- Música Assiste Meu Sucesso	Créditos Dra. Sandra Raquew Azevedo, Imagens e UFPB

APÊNDICE C – SLIDE DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

.



Universidade Federal da Paraíba
CCTA- Jornalismo

**ARTISTAS DO HIP HOP PARAIBANO: IMPACTOS DA PANDEMIA E O
PROCESSO DE DIGITALIZAÇÃO**

Discente: Gleyce Marques
Orientadora: Dra. Sandra Raquew Azevedo

Entendendo o objeto de estudo



Cenário

Raquel de Paiva afirma (2018), a pluralidade de vozes contribui de maneira decisiva, para democratizar diálogos, reduzir visões preconcebidas e preconceituosas sobre grupos à margem da visibilidade da mídia. E esse tipo de comunicação é o pilar da forma de linguagem de uma comunicação comunitária.

Hip Hop

Pandemia

Artivismo

Digitalização

Sub representação

Recorte social

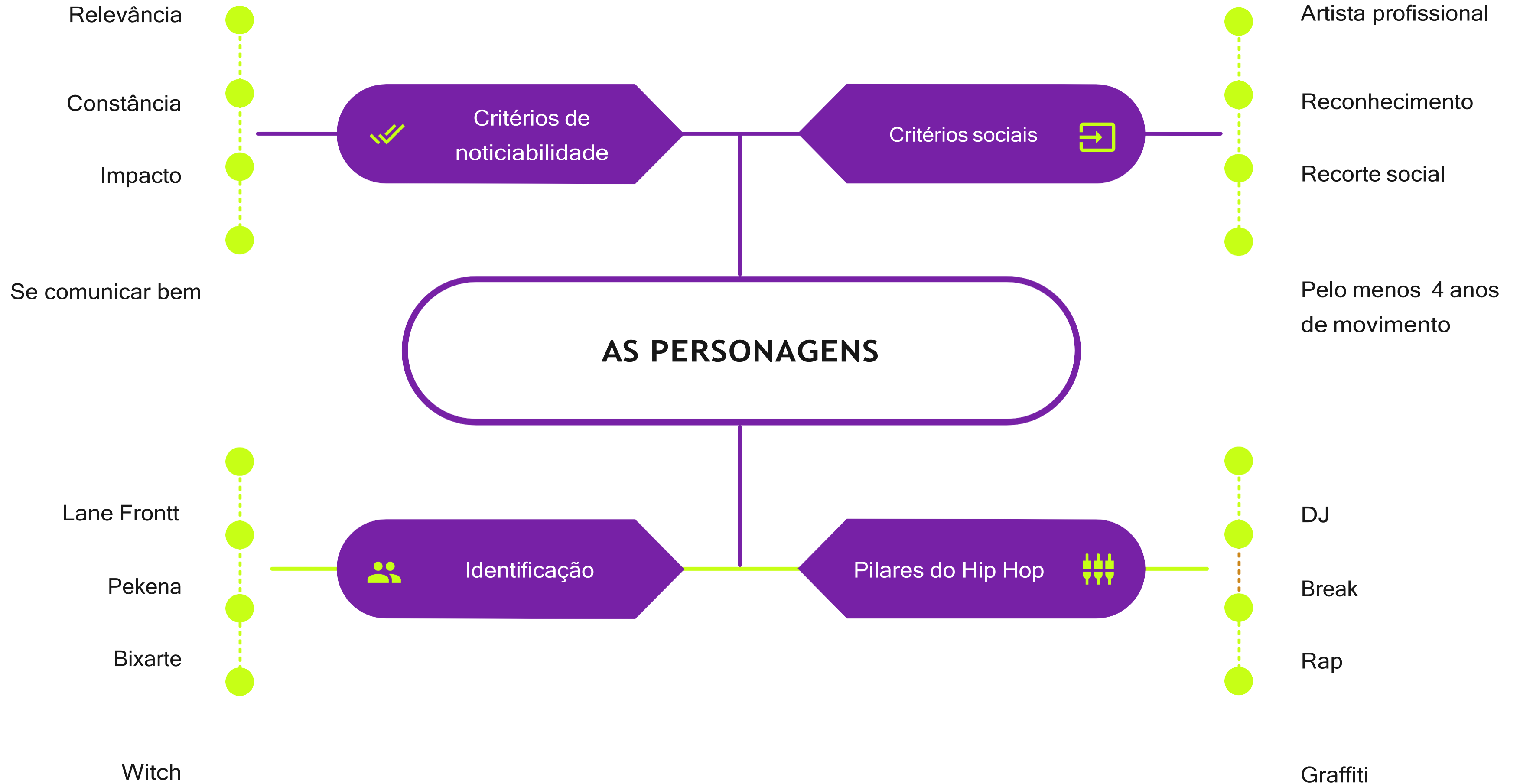
Jornalismo comunitário

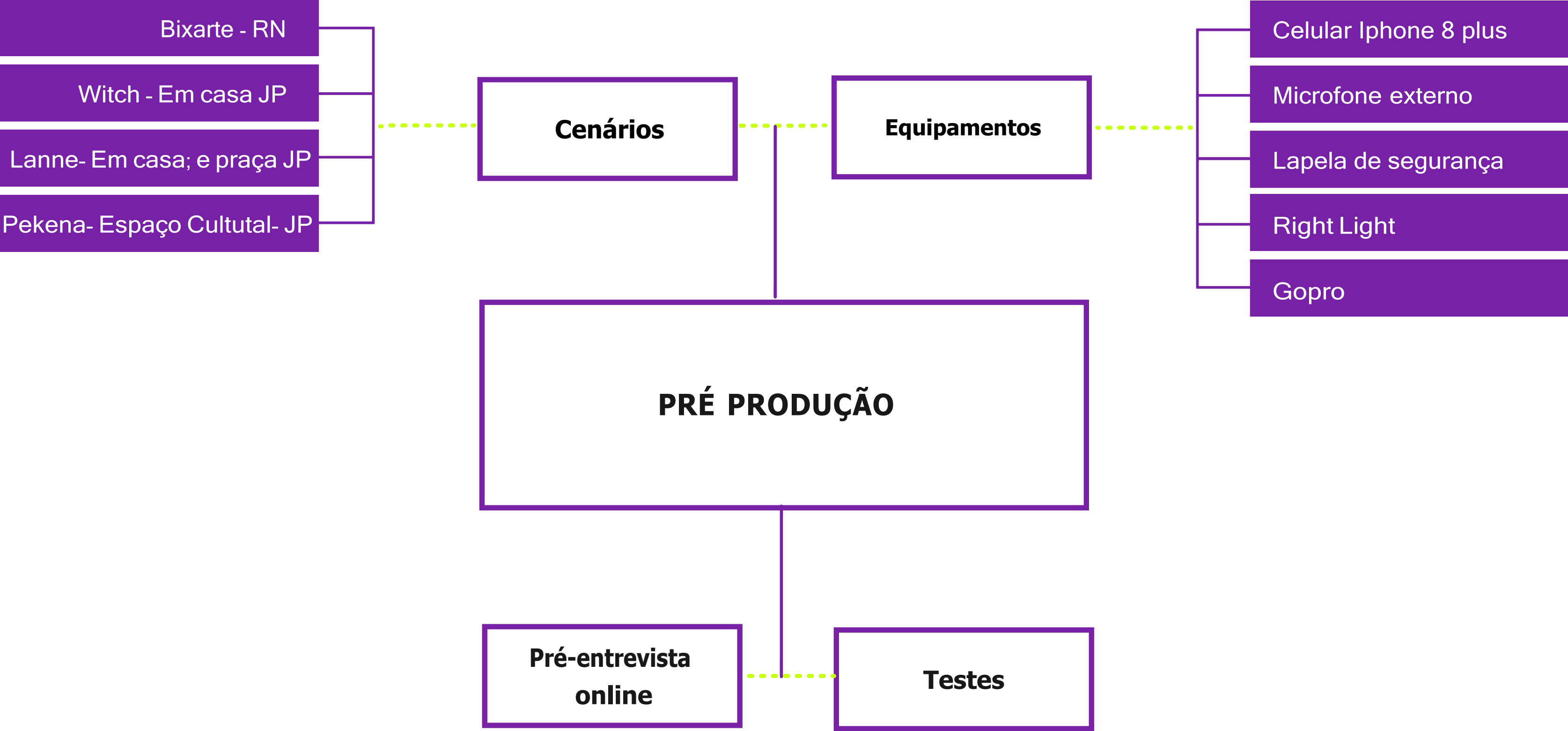


mulheres cisgênero, mulheres trans ou travesti, negras, LGBTQIA+, com deficiência.

Etapas

- 1** TCC I estudei dados, fiz pesquisas sobre a temática e propuz o projeto que se tornaria um filme documental.
- 2** TCC II estudei as personagens, marquei entrevistas e elaborei roteiro.
- 3** TCC II fiz as captações de imagens, edição e produzi o roteiro.





Captação

TÉCNICAS

- Insegurança em ambientes públicos
- Superaquecimento da bateria
- Memória
- Ambientes com baixa iluminação
- Ambientes com ruído
- EUquipe



NARRATIVA

- Problemas de saúde
- Eventos ainda em retomada
- Pouco tempo para captação

Pré edição

1

Assisti todo o material captado e os conteúdos de apoio enviados pelas artistas.

2

Identifiquei fios condutores da narrativa para criar conexões.

3

Determinei tempos de falas diretas para inserir cenas de respiro, 2 minutos.

4

Elaborei roteiro de montagem.

Roteiro de Montagem

1

Vozes das artistas em primeiro plano.

2

Levantar debates sobre desigualdades sociais sem vitimizar.

3

Excluir falas que não contemplem a temática, por mais importantes o posicionamento que fossem.

4

Excluir repetições de mesma narrativa. Por exemplo "são sempre as mesmas pessoas que passam em editais" e dar preferência a quem tem domínio da fala.



Roteiro de Montagem

Noção de comunidade do Hip Hop

- Bixarte: quilombo (organização profissional)
- Pekená: rede de apoio; família (rede de acolhimento)
- Pri Witch: comunidade (ações sociais)
- Lane Frontt: equipe; família (necessidade do outro)

Roteiro de Montagem

Vida e trabalho
antes e
durante a
pandemia

Lugar ocupado
na comunidade
do Hip Hop

Adaptação ou
uso da internet

Intervenções
em realidades

Edição

1

Incapacidade do APP Cap Cut.

2

Impossibilidade de trabalhar melhor os áudios e montagem.

3

Vários bugs, muita dificuldade de legendar e exportar.

Edição

4

Edições fragmentadas por partes.

5

Organicidade; prevalecimento do áudio ambiente; destaque sempre a voz das artistas.

6

Sobreposições; transições com referência de Tik Tok; cenas de respiros criativas; créditos com cenas de bastidores.

7

Acessibilidade.

ØContaMina

Elas  ON no Hip Hop

Considerações finais

Dificuldades de
adaptação ao
meio digital

Financeiro
e/ou
psicológico

Negligência
pública diante
as artistas

Elevação de
problemas
estruturais

Noção de
comunidade
digital na
pandemia
como
resistência
para
sobreviver

Jornalismo comunitário



Obrigada!



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Discente: GLEYCE KELLY DA SILVA MARQUES

Matrícula: 20170052750

Título do Trabalho: **ARTISTAS DO HIP HOP PARAIBANO: IMPACTOS DA PANDEMIA E O PROCESSO DE DIGITALIZAÇÃO**

Professor (a) orientador (a): DRA. SANDRA RAQUEL AZAVEDO

Declaro, a quem possa interessar, que o presente trabalho é de minha autoria e que responderei por todas as informações e dado nele contidos, ciente da definição legal de plágio e das eventuais implicações.

João Pessoa, 25 de JUNHO de 2022.

Gleyce Kelly da Silva Marques

Assinatura do (a) discente